

MINISTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

TRATADO DE TERRA DO BRASIL
Pero de Magalhães Gândavo

Tratado da terra do Brasil, no qual se contém a informação das coisas que há nestas partes, feito por Pero de Magalhães

Ao muito Alto e Sereníssimo Príncipe Dom Henrique, Cardeal, Infante de Portugal

Posto que os dias passados apresentei outro sumário da terra do Brasil a el-Rei nosso Senhor, foi por cumprir primeiro com esta obrigação de Vassalo que todos devemos a nosso Rei: e por esta razão me pareceu coisa muito necessária (muito Alto e Sereníssimo Senhor) oferecer também este a V. A. a quem se devem referir os louvores e acrescentamento das terras que nestes Reinos florescem: pois sempre desejou tanto aumentá-las, e conservar seus Súditos e Vassallos em perpétua paz. Como eu isto entenda, e conheça quão aceitos são os bons serviços a V. A. que ao Reino se fazem, imaginei comigo que podia trazer destas partes com o que desse testemunho de minha pura tenção: e achei que não se podia de um fraco homem esperar maior serviço (ainda que tal não pareça) que lançar mão desta informação da terra do Brasil (coisa que até agora não empreendeu pessoa alguma) para que nestes Reinos se divulgue sua fertilidade e provoque a muitas pessoas pobres que se vão viver nesta província, que nisso consiste a felicidade e aumento dela. E porque V. A. sabe quanto serviço de Deus e del-Rei nosso Senhor seja esta denunciação, determinei coligi-la com deliberação de a oferecer a V. A. a quem humildemente peço a receba, e com tamanha mercê ficarei satisfeito, rogando a nosso Senhor lhe dê prósperos e larguíssimos anos de vida, e deixe permanecer seu Real estado em perpétua felicidade. Amém.

Pero de Magalhães. Humilde Vassalo de S. A.

Prólogo ao leitor

Minha tenção não foi outra neste sumário (discreto e curioso leitor) senão denunciar em breves palavras a fertilidade e abundância da terra do Brasil, para que esta fama venha a notícia de muitas pessoas que nestes Reinos vivem com pobreza, e não duvidem escolhê-la para seu remédio; porque a mesma terra é tão natural e favorável aos estranhos, que a todos agasalha e convida com remédio por pobres e desamparados que sejam. E assim cada vez se vai fazendo mais próspera, e depois que as terras viçosas se forem povoando (que agora estão desertas por falta de gente), hão se de fazer nelas grossas fazendas como já estão feitas nas que possuem os moradores da terra, e também se espera desta província que por tempo floresça tanto na riqueza como as Antilhas de Castela, por que é certo ser em si a terra muito rica e haver nela muitos metais, os quais até agora se não descobrem ou por não haver gente na terra para cometer esta empresa, ou também por negligência dos

moradores que se não querem dispor a esse trabalho: qual seja a causa por que o deixam de fazer não sei. Mas permitirá nosso Senhor que ainda em nossos dias se descubram nela grandes tesouros, assim para serviço e aumento de S. A., como para proveito de seus Vassallos que o desejam servir.

Declaração da Costa

Esta costa do Brasil está para a parte do ocidente, corre-se de Norte e Sul. Da primeira povoação até a derradeira há trezentas e cinqüenta léguas. São oito Capitánias, todas têm portos muito seguros, onde podem entrar quaisquer naus por grandes que sejam.

Não há pela terra dentro povoações de portugueses por causa dos índios que não o consentem, e também pelo socorro e tratos do Reino lhes é necessário estarem junto ao mar para terem comunicação de mercadorias. E por este respeito vivem todos junto da Costa.

Capítulo Primeiro

Da Capitania de Tamaracá

A povoação da primeira Capitania e mais antiga está numa ilha que se chama Tamaracá, pegada com a terra firme; tem três léguas de comprido e duas de largo. Tem trinta e cinco léguas de terra pela Costa para o Norte. É de dona Jerônima de Albuquerque, mulher que foi de Pero Lopes de Souza, na qual tem posto Capitão de sua mão. Há nela um engenho de açúcar e agora se fazem dois novamente e muito pau do Brasil e algodão. Pode ter até cem vizinhos. Há nesta Capitania muitas e boas terras para se povoarem e fazerem nelas fazendas.

Capítulo Segundo

Da Capitania de Pernambuco

A Capitania de Pernambuco está a cinco léguas de Tamaracá para o Sul em altura de oito graus, da qual é Capitão e governador Duarte Coelho de Albuquerque. Tem duas povoações. A principal se chama Olinda, a outra Guarassu, que está quatro léguas pela terra dentro. Haverá nesta Capitania mil vizinhos. Tem vinte e três engenhos de açúcar, posto que destes três ou quatro não são ainda acabados.

Alguns moem com bois, a estes chamam trapiche, fazem menos açúcar que os outros: mas a maior parte dos engenhos do Brasil moem com água. Cada engenho destes um por outro, faz três mil arrobas cada ano, nesta Capitania se faz mais açúcar que nas outras, porque houve ano que passaram de cinqüenta mil arrobas, ainda que o rendimento deles não é certo, são segundo as novidades e os tempos que se oferecem. Esta se acha uma das ricas terras do Brasil, tem muitos escravos índios que é a principal fazenda da terra. Daqui os levam e compram para todas as outras Capitánias, porque há nesta muitos, e mais baratos que em toda a Costa: há muito pau do Brasil e algodão de que enriquecem os moradores desta Capitania. O porto onde os navios entram está uma légua da povoação Olinda; servem-se pela praia e também por um rio pequeno que vai dar junto da mesma povoação. A esta Capitania vão cada ano mais navios do Reino que a nenhuma das outras. Há nela um mosteiro de padres da Companhia de Jesus.

Rios

Há dois rios caudais até a Bahia de Todos os Santos; um se chama de São Francisco, está em dez graus e meio, o qual entra no mar com tanta fúria que vinte léguas pelo mesmo mar correm suas águas. Outro rio está em onze graus e dois terços que se chama o rio Real, também é muito grande e correm muito suas águas pelo mar.

Capítulo Terceiro

Da Capitania da Bahia de Todos os Santos

A Capitania da Bahia de Todos os Santos está cem léguas de Pernambuco em altura de treze graus. Terra del-Rei nosso Senhor, onde residem os governadores e bispo e Ouvidor-geral de toda a Costa. Esta é a terra mais povoada de portugueses que há no Brasil. Tem três povoações, a principal é a Cidade do Salvador. A outra se chama Vila Velha que está junto da barra. Esta povoação foi a primeira que houve nesta Capitania: depois Tomé de Souza, sendo governador, edificou esta Cidade do Salvador mais adiante meia légua ao longo da Bahia, por ser lugar mais conveniente e proveitoso para os moradores da terra. Quatro léguas pela terra dentro está outra que se chama Paripe. Pode haver nesta Capitania mil e cem vizinhos. Tem dezoito engenhos, alguns se fazem novamente. Também se tira deles muito açúcar, ainda que os moradores se lançam mais ao algodão que à cana-de-açúcar porque se dá melhor na terra.

Dentro da Cidade está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus, na qual têm colégio onde ensinam latim e casos de consciência. Afora este há cinco igrejas pela terra dentro entre os índios forros, onde residem alguns padres para fazerem cristãos e casarem os mesmos índios por não ficarem amancebados.

Esta Capitania tem uma baía muito grande e fermosa, há três léguas de largo, e navega-se quinze por ela dentro, tem muitas ilhas de terras muito viçosas que dão infinito algodão; divide-se em muitas partes esta baía: e tem muitos braços e enseadas dentro. Os moradores da terra todos se servem por ela com barcos para suas fazendas.

Rios

Doze léguas desta Bahia de Todos os Santos está um rio que se chama Tinharé, onde se recolhem muitas embarcações que passam para as outras Capitánias. Três léguas por ele dentro está um engenho de um Bastiam de Ponte, junto do qual estão muitas terras perdidas por falta de moradores, das quais se conseguiria muito proveito se as povoassem. Mais avante seis léguas está um rio que se chama Camamu em treze graus e meio, no qual podem entrar quaisquer naus seguramente quatro, cinco léguas por ele dentro.

Ao longo deste rio há terras muito viçosas e muitas águas para se poderem fazer engenhos de

açúcar, as quais também se perdem por não haver gente que as vá povoar. Têm dentro algumas ilhas de terras muito grossas e acomodadas para se fazerem nelas muita fazenda. Nesse mesmo rio há muito peixe em extremo, e junto dele infinita caça de porcos e veados. Aqui se pode fazer uma povoação, onde os homens vivam muito abastados e façam muitas fazendas. Há outro que se chama o rio das Contas, está em quatorze graus e meio, mas não é tão grande, ainda que também entram nele algumas embarcações. Em todos estes rios há muita abundância de peixes e de caça.

Capítulo Quarto

Da Capitania dos Ilhéus

A Capitania dos Ilhéus está trinta léguas da Bahia de Todos os Santos em quatorze graus e dois terços; é de Francisco Giraldes, na qual tem posto de Capitão de sua mão. Pode haver nela duzentos vizinhos. Tem um rio onde os navios entram, o qual está junto da povoação, divide-se em muitas partes pela terra dentro, servem-se os moradores por ele para suas fazendas em almadias. Há nesta Capitania oito engenhos de açúcar. Dentro da povoação está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus que agora se faz novamente.

Sete léguas da mesma povoação pela terra dentro está uma lagoa de água doce que tem três léguas de comprido e três de largo e tem dez, quinze braças de fundo e daí para cima. Sai dela um rio pequeno pelo qual vão lá ter barcos. Tem esta lagoa um local neste rio, tão estreito, que apenas cabe um barco por ele, e depois que anda dentro quase não sabe determinar por onde entrou. Tem tanta abundância de água que podem andar nela quaisquer naus, por grandes que sejam, à vela; e assim quando venta muito, alevantam-se ali ondas tão furiosas como se fosse no meio do mar com tormenta. Tem muita infinidade de peixes grandes e pequenos. Criam-se nela muitos peixes-bois, os quais têm o focinho como de boi e dois cotos com que nadam à maneira de braços; não têm nenhuma escama nem outra feição de peixe senão o rabo. Matam-os com arpões, são tão gordos e tamanhos que alguns pesam trinta, quarenta arrobas. É um peixe muito sabroso e totalmente parece carne e assim tem o gosto dela; assado parece lombo de porco ou de veado, coze-se com couves, e guisa-se como carne, nem pessoa alguma o come que o tenha por peixe, salvo se o conhecer primeiro. As fêmeas têm duas mamas pelas quais mamam os filhos, e criam-se com leite (coisa que se não acha em outro peixe): também há destes em algumas baías e rios desta Costa e posto que se criem no mar costumam beber água doce, por isso acodem muitos a esta lagoa ou a parte onde algum ribeiro se meta no mar. Também há muitos tubarões nesta lagoa, e lagartos e muitas cobras. E acham-se nela outros monstros marinhos de diversas maneiras. Há muitas terras e muito viçosas arredor dela, e muita caça; e neste rio que sai da lagoa muita fertilidade de peixe. Finalmente que uma das abastadas terras de mantimentos que há no Brasil é esta Capitania dos Ilhéus.

Capítulo Quinto

De uma nação de gentio que se acha nesta Capitania

Pelas terras desta Capitania até junto do Espírito Santo, se acha uma certa nação de gentio que veio do sertão há cinco ou seis anos, e dizem que outros índios contrários destes vieram sobre eles a suas terras, e os destruíram todos e os que fugiram são estes que andam pela Costa. Chamam-se

Aymorés, a língua deles é diferente dos outros índios, ninguém os entende, são eles tão altos e tão largos de corpo que quase parecem gigantes; são muito alvos, não têm parecer dos outros índios na terra nem têm casas nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animais; são muito forçosos em extremo, trazem uns arcos muito compridos e grossos conforme a sua força e as frechas da mesma maneira. Estes índios têm feito muito dano aos moradores depois que vieram a esta Costa e mortos alguns portugueses e escravos, porque são imigos de toda gente. Não pelejam em campo nem têm ânimo para isso, põem-se entre o mato junto de algum caminho e tanto que passa alguém atiram-lhe ao coração ou a parte onde o matem e não despedem frecha que não na empreguem. Finalmente, que não têm rosto direito a ninguém, senão a traição fazem a sua. As mulheres trazem uns paus tostados com que pelejam. Estes índios não vivem senão pela frecha, seu mantimento é caça, bichos e carne humana, fazem fogo debaixo do chão por não serem sentidos nem saberem onde andam. Muitas terras viçosas estão perdidas junto desta Capitania, as quais não são possuídas dos portugueses por causa destes índios. Não se pode achar remédio para os destruírem porque não têm morada certa, nem saem nunca dentre o mato. E assim quando cuidamos que vão fugindo ante quem os persegue, então ficam atrás escondidos e atiram aos que passam descuidados. Desta maneira matam alguma gente. Todos quantos índios há no Brasil são seus imigos e temem-nos muito, por que é gente atraíçoadá. E assim onde os há nenhum morador vai a sua fazenda por terra que não leve quinze, vinte escravos consigo de arcos e frechas. Estes Aymorés são muito ferros e cruéis, não se pode com palavras encarecer a dureza desta gente.

Não andam todos juntos, derramam-se por muitas partes, e quando se querem ajuntar assobiam como pássaros ou como bogios, de maneira que uns aos outros se entendem e se conhecem. Também os portugueses matam alguns deles, e têm muitos destruídos, principalmente nesta Capitania dos Ilhéus, e guardam-se muito deles, porque já sabem suas manhas e conhecem muito bem sua malícia.

Capítulo Sexto

Da Capitania de Porto Seguro

A Capitania de Porto Seguro está trinta léguas dos Ilhéus em dezesseis graus e meio. É do duque de Aveiro, na qual tem posto Capitão de sua mão. Tem três povoações, a principal é Porto Seguro, que está junto do porto onde os navios entram. Outra está daí uma légua que se chama Santo Amaro; outra Santa Cruz, que está daí quatro léguas para o Norte. Pode haver nesta Capitania duzentos e vinte vizinhos. Tem cinco engenhos de açúcar. Há nela um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. Também chegam a esta Capitania os Aymorés e fazem nela dano aos moradores como nos Ilhéus. É terra muito abastada de caça, e de peixes que matam no rio que está junto da povoação.

Capítulo Sétimo

Da Capitania do Espírito Santo

A Capitania do Espírito Santo está cinqüenta léguas de Porto Seguro em vinte graus, da qual é Capitão e governador Vasco Fernandes Coutinho. Tem um engenho somente, tira-se dele o melhor açúcar que há em todo o Brasil. Pode ter até cento e oitenta vizinhos. Há dentro da povoação um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. Tem um rio muito grande onde os navios entram, no

qual se acham mais peixes-bois que noutra nenhum rio desta Costa. No mar junto desta Capitania matam grande cópia de peixes grandes e de toda maneira, e também no mesmo rio há muita abundância deles. Nesta Capitania há muitas terras e muito largas, onde os moradores vivem muito abastados assim de mantimentos da terra como de fazendas. E quando se tomou a fortaleza do Rio de Janeiro desta mesma Capitania do Espírito Santo sustentaram toda a gente e proveram sempre de mantimentos necessários enquanto estiveram na terra os que defendiam.

Rios

Avante desta Capitania em altura de vinte e um graus está o rio de Paraíba, este é muito grande e fermoso e tem infinito peixe. Junto do Cabo Frio em altura de vinte e dois graus está a baía Formosa, na qual se pode fazer uma Capitania de muitos vizinhos, onde também se perdem muitas terras por falta de gente. Outros muitos rios há nestas partes que deixo de escrever por serem pequenos e não se fazer tanto caso deles, nem minha tenção foi outra senão tratar destes mais notáveis, onde se podem fazer algumas povoações e conseguir proveito das terras viçosas que por esta Costa estão desertas.

Capítulo Oitavo

Da Capitania do Rio de Janeiro

A Capitania do Rio de Janeiro, Cidade de São Sebastião, está sessenta léguas do Espírito Santo em vinte e três graus e um terço, terra del-Rei nosso Senhor. Pode ter pouco mais ou menos cento e quarenta vizinhos, agora se começa de povoar novamente. Esta é a mais fértil e viçosa terra que há no Brasil. Tem terras muito singulares e muitas águas para engenhos de açúcar. Há nela muito infinito pau do Brasil, de que os moradores da terra fazem muito proveito.

Esta Capitania tem um rio muito largo e fermoso; divide-se dentro em muitas partes, e quantas terras estão ao longo dele se podem aproveitar, assim para roças de mantimentos como para cana-de-açúcar e algodão, porque são muito viçosas e melhores de quantas há por toda esta Costa. Há nesta cidade um mosteiro de padres da Companhia de Jesus, os quais também aumentaram muito esta terra e desejam muito vê-la povoada de muitos moradores, porque são como digo as terras desta Capitania muito largas, e sabem quão proveitosas são para toda gente pobre que as for possuir. E por tempo hão se de fazer nelas grandes fazendas: e os que lá forem viver com esta esperança não se acharão enganados.

Capítulo Nono

Da Capitania de São Vicente

A Capitania de São Vicente está sessenta léguas do Rio de Janeiro em vinte e quatro graus, é de Pero Lopes de Souza, na qual tem posto Capitão de sua mão: esta e o Rio de Janeiro são as mais frias terras que há no Brasil, geia nelas em tempo de inverno quase como neste Reino.

Nesta Capitania se deu já trigo, mas não o querem semear por haver na terra outros mantimentos de menos custo. Tem três povoações, e uma fortaleza que está numa ilha junto da terra firme quatro léguas para o Norte que se chama Britioga; daqui defendem esta Capitania dos índios e franceses

com artilharia que há na mesma fortaleza. A principal povoação se chama Santos, onde está um mosteiro de padres da Companhia de Jesus. A outra mais avante ao longo do Rio uma légua é São Vicente; também há nela outro mosteiro de padres da Companhia. Pela terra dentro dez léguas edificaram os mesmos padres uma povoação entre os índios que se chama — o Campo, na qual vivem muitos moradores, a maior parte deles são mamelucos filhos de portugueses e de índias da terra. Aqui e nas mais Capitânicas têm feito estes padres da Companhia grande fruto e fazem com que a terra vá em muito crescimento, trabalham por fazer cristãos a muitos índios e metem muitas pazes entre os homens; também fazem restituir as liberdades de muitos índios que alguns moradores da terra têm mal resgatados: assim que sempre acodem aos que se desviam do serviço de Deus e de S. A.

Haverá nesta Capitania quinhentos vizinhos, tem quatro engenhos de açúcar, e muitas terras viçosas de que os moradores tiram muitos mantimentos e fazenda e vivem muito abastados. Esta é a última Capitania que há nestas partes do Brasil...

Tratado Segundo

Das coisas que são gerais por toda Costa do Brasil

Capítulo Primeiro

Das fazendas da terra

Os moradores desta Costa do Brasil todos têm terras de Sesmarias dadas e repartidas pelos Capitães da terra, e a primeira coisa que pretendem alcançar são escravos para lhes fazerem e granjearem suas roças e fazendas, porque sem eles não se podem sustentar na terra: é uma das coisas porque o Brasil não floresce muito mais, é pelos escravos que se alevantaram e fugiram para suas terras e fogem cada dia: e se estes índios não foram tão fugitivos e mudáveis, não tivera comparação a riqueza do Brasil. As fazendas donde se consegue mais proveito são açúcar, algodão e pau do Brasil, com isto fazem pagamento aos mercadores que deste Reino lhes levam fazenda porque o dinheiro é pouco na terra, e assim vendem e trocam uma mercadoria por outra em seu justo preço. Quantos moradores há na terra têm roças de mantimentos e vendem muitas farinhas de pau uns aos outros, de que também tiram muito proveito.

O mais gado que há nesta Costa são bois e vacas, deste há muita abundância em todas as Capitánias, porque são as ervas muitas, e sempre a terra está coberta de verdura, ainda que em Porto Seguro não se querem dar nenhuma vaca senão o primeiro ano, no qual engordam tanto que do muito viço dizem que morrem todas. Cabras e ovelhas há muito poucas até agora, começam de multiplicar novamente; as cabras se dão melhor que as ovelhas e parem dois, três filhos de cada vez. Fazem os moradores da terra muito por esta criação. Também há éguas e cavalos, mas ainda são caros por não haver muitos na terra, levam-nos de Cabo Verde para lá e dão-se muito bem na terra.

Acha-se também por esta Costa muito âmbar que o mar de si lança fora as mais das vezes quando faz tormenta e são águas-vivas, então há muitas pessoas que mandam seus escravos pela praia buscá-lo nos lugares onde costuma sair mais vezes, e muitas vezes acontece enriquecerem alguns assim do que acham seus escravos como do que resgatam aos índios forros. Segundo a dita e ventura de cada um. Os panos que nesta terra se fazem são de algodão, todo o mais vai deste Reino.

E assim há também muitos escravos de Guiné: estes são mais seguros que os índios da terra porque nunca fogem nem têm para onde. Há também muita criação de porcos e muitas galinhas, e patos da terra. Estas são as fazendas que possuem os moradores do Brasil.

Capítulo Segundo

Dos costumes da terra

As pessoas que no Brasil querem viver, tanto que se fazem moradores da terra, por pobres que sejam, se cada um alcançar dois pares ou meia dúzia de escravos (que podem um por outro custar pouco mais ou menos até dez cruzados) logo têm remédio para sua sustentação; porque uns lhe pescam e caçam, outros lhe fazem mantimentos e fazenda e assim pouco a pouco enriquecem os homens e vivem honradamente na terra com mais descanso que neste Reino, porque os mesmos escravos índios da terra buscam de comer para si e para os senhores, e desta maneira não fazem os homens despesa com seus escravos em mantimentos nem com suas pessoas.

A maior parte das camas do Brasil são redes, as quais armam numa casa com duas cordas e lançam-se nelas a dormir. Este costume tomaram os índios da terra.

Os moradores destas Capitánias tratam-se muito bem e são mais largos que a gente deste Reino, assim no comer como no vestir de suas pessoas, e folgam de ajudar uns aos outros com seus escravos e favorecem muito os pobres que começam a viver na terra. Isto se costuma nestas partes: e fazem outras muitas obras pias por onde todos têm remédio de vida e nenhum pobre anda pelas portas a pedir como neste Reino.

Capítulo Terceiro

Das qualidades da terra

Há nestas partes do Brasil seis meses de verão e seis de inverno: os de verão são de setembro até fevereiro, os de inverno de março até agosto. Assim que quando nesta província do Brasil é inverno, cá nestes Reinos é verão, e os dias quase sempre são tamanhos como as noites, uma hora somente crescem e mingam. Cursam sempre ventos gerais, no inverno seis meses Sul e Sueste, no verão Nordeste. Sempre correm as águas com o vento por costa, e por isso se não pode navegar de umas Capitánias para outras se não esperarem por monções para irem com as águas e com o vento, porque cursam como digo seis meses de uma parte e seis de outra, e portanto são muitas vezes as viagens vagarosas, e quando vão contra tempo as embarcações correm muito risco, arribam as mais das vezes ao porto de onde saíram. Mete-se no meio e na força deste verão, oito dias ante os Santos, uma tormenta de vento Sul que dura uma semana, este é muito certo e geral, nunca se acha que naqueles dias faltasse. Muitas embarcações esperam por este vento e fazem com ele suas viagens. Esta terra sempre é quente quase tanto no inverno como no verão. A viração do vento geral entra ao meio-dia pouco mais ou menos, é tão fresco este vento e tão frio que não se sente mais calma, e ficam recreados os corpos das pessoas.

Dura este vento do mar até de madrugada, torna dali a calmar outra vez por causa dos vapores da terra que o apagam e quando amanhece está o céu todo coberto de nuvens e as mais das manhãs chove nestas partes e a terra fica toda coberta de névoa, porque tem muitos arvoredos e chama a si todos estes humores. E tanto que este geral acalma começa a ventar da terra um vento brando que nela se gera, até que o Sol com sua quentura o torna apagar e limpa tudo outra vez e faz ficar o dia claro e sereno, entra logo o vento do mar acostumado. Este vento da terra é muito perigoso e doentio; e se acerta de permanecer alguns dias, morre muita gente assim portugueses como índios da terra: mas quer Nosso Senhor que aconteça isto poucas vezes; e tirado este mal, é esta terra muito salutífera e de bons ares, onde as pessoas se acham bem-dispostas e vivem muitos anos, principalmente os velhos têm melhor disposição e parecem que tornam a renovar, e por isso alguns se não querem tornar às suas pátrias, temendo que nelas se lhes ofereça a morte mais cedo. Os ares de pela manhã são muito frescos e sadios: muitas pessoas se costumam alevantar cedo porque se aproveitam deles enquanto têm esta virtude. A terra em si é lassa e desleixada; acham-se nela os homens algum tanto fracos e minguidos das forças que possuem cá neste Reino por respeito da quentura e dos mantimentos que nela usam, isto é, enquanto as pessoas são novas na terra, mas depois que por tempo se acostumam ficam tão rijos e bem-dispostos como se aquela terra fora sua mesma pátria. Manda-se dar nesta terra aos enfermos carne de porco, para qualquer doença é proveitosa, e não faz mal a nenhuma pessoa; o peixe também tem uma mesma qualidade e põe muita sustância aos doentes. Esta terra é muito fértil e viçosa, toda coberta de altíssimos e frondosos arvoredos, permanece sempre a verdura nela inverno e verão; isto causa

chover-lhe muitas vezes e não haver frio que ofenda ao que produz a terra. Há por baixo destes arvoredos grande mato e muito basto e de tal maneira está escuro e serrado em partes que nunca participa o chão da quentura nem da claridade do Sol, e assim está sempre úmido e minando água de si. As águas que na terra se bebem são muito sadias e sabrosas, por muita que se beba não prejudica a saúde da pessoa, a mais dela se torna logo a suar e fica o corpo desalivado e são. Finalmente que esta terra tão deleitosa e temperada que nunca nela se sente frio nem quentura sobeja.

Capítulo Quarto

Dos mantimentos da terra

Nestas partes do Brasil não semeiam trigo nem se dá outro mantimento algum deste Reino, o que lá se come em lugar de pão é farinha de pau. Esta se faz da raiz de uma planta que se chama mandioca, a qual é como inhame. E tanto que se tira debaixo da terra, está curtindo-se em água três, quatro dias, e depois de curtida pisam-na ou ralam-na muito bem e espremem-na daquele sumo de tal maneira que fique bem escorrida, porque é aquela água que sai dela tão peçonhenta, que qualquer pessoa ou animal que a beber logo naquele instante morre: assim que depois de a terem deste modo curada, põem um alguidar grande sobre o fogo e como se aquece, botam aquela mandioca nele e por espaço de meia hora está naquela quentura cozendo-se, dali a tiram, e fica temperada para se comer. Há todavia farinha de duas maneiras: uma se chama de guerra, e outra fresca, a de guerra é muito seca, fazem-na desta maneira para durar muito e não se danar: a fresca é mais branda e tem mais sustância; finalmente que não é tão áspera como a outra, mas não dura mais que dois, três dias: como passa daqui logo se dana. Desta mesma mandioca fazem outra maneira de mantimentos, que se chamam beijus, são muito alvos e mais grossos que obréias, destes usam muito os moradores da terra porque são mais sabrosos e de melhor digestão que a farinha. Outra raiz de uma planta que se chama aipim, da qual fazem uns bolos que parecem pão fresco deste Reino e também se como assada come batata, de toda maneira se acha nela muito gosto. Também há na terra muito milho zaburro, este se dá em todas as Capitâneas, e faz um pão muito alvo. Há nesta terra muita cópia de leite de vacas, muito arroz, fava, feijões, muitos inhames e batatas, e outros legumes que fartam muito a terra. Há muita abundância de marisco e de peixe por toda esta Costa; com estes mantimentos se sustentam os moradores do Brasil sem fazerem gastos nem diminuírem nada em suas fazendas.

Capítulo Quinto

Da caça da terra

Uma das coisas que sustenta e abasta muito os moradores desta terra do Brasil é a muita caça que há nestes matos de muitos gêneros e de diversas maneiras, a qual os mesmos índios da terra matam assim com frechas como por indústria de seus laços e fojos, onde costumam tomar a maior parte dela.

Há muitos veados e muita soma de porcos monteses de muitas castas. Uns pequenos há na terra que têm as cerdas muito grossas, ásperas e crespas; estes têm o umbigo nas costas, matam-se muitos deles, e de outros grandes que não são desta qualidade. Há muitas antas que quase são tamanhas como vacas e pastam ervas como outro gado qualquer; sua carne tem o sabor como da vaca: a pele deste animal é muito grossa e rija. Há também coelhos, mas têm as orelhas de outra maneira mais pequenas e redondas. Há outros animais maiores que lebres que se chamam pacas, também têm carne muito sabrosa.

Uns bichos há nesta terra que também se comem e se têm pela melhor caça que há no mato.

Chamam-lhes tatus, são tamanhos como coelhos e têm um casco à maneira de lagosta como de cágado, mas é repartido em muitas juntas como lâminas; parecem totalmente um cavalo armado, têm um rabo do mesmo casco comprido, o focinho é como de leitão, e não botam mais fora do casco que a cabeça, têm as pernas baixas e criam-se em covas, a carne deles tem o sabor quase como de galinha. Esta caça é muito estimada na terra. Há também muitas galinhas de mato que os índios matam com frechas, e outras muitas aves muito gordas e sabrosas melhores que perdizes. Desta e de outra muita caça há no Brasil muita abundância.

Capítulo Sexto

Das frutas da terra

Uma fruta se dá nesta terra do Brasil muito sabrosa, e mais prezada de quantas há. Cria-se numa planta humilde junto do chão, a qual tem umas pencas como cardo, a fruta dela nasce como alcachofras e parecem naturalmente pinhas, e são do mesmo tamanho, chamam-lhe ananases, e depois de maduros têm um cheiro muito excelente, colhem-nos como são de vez, e com uma faca tiram-lhes aquela casca grossa e fazem-nos em talhadas e desta maneira se comem, excedem no gosto a quantas frutas há neste Reino, e fazem todos tanto por esta fruta, que mandam plantar roças dela, como de cardais: a este nosso Reino trazem muitos destes ananases em conserva. Outra fruta se cria numas árvores grandes, estas se não plantam, nascem pelo mato muitas; esta fruta depois de madura é muito amarela: são como pêros repinaldos compridos, chamam-lhes cajuis, têm muito sumo, e cria-se na ponta desta fruta de fora um caroço como castanha, e nasce diante da mesma fruta, o qual tem casca mais amargosa que fel, e se tocarem com ela nos beiços dura muito aquele amargor e faz empolar toda a boca; pelo contrário este caroço assado é muito mais gostoso que amêndoa; são de sua natureza muito quentes em extremo. Há na terra tantos destes caroços que os medem aos alqueires. Também há uma fruta que lhe chamam bananas, e pela língua dos índios Pacovas: há na terra muita abundância delas: parecem-se na feição com pepinos, nascem numas árvores muito tenras e não são muito altas, nem têm ramos senão folhas muito compridas e largas. Estas bananas criam-se em cachos, algum se acha que tem de cento e cinqüenta para cima, e muitas vezes é tão grande o peso delas que faz quebrar a árvore pelo meio; como são de vez colhem estes

cachos, e depois de colhidos amadurecem, e tanto que estas árvores dão uma fruta, logo as cortam porque não frutificam mais que a primeira vez, e tornam a rebentar pelos pés outras novas. Esta é uma fruta muito sabrosa e das boas que há na terra, tem uma pele como de figo, a qual lhes lançam fora quando as querem comer e se come muitas delas fazem dano à saúde e causam febre a quem se desmanda nelas. E assadas maduras são muito sadias e mandam-se dar aos enfermos. Com esta fruta se mantém a maior parte dos escravos desta terra, porque assadas verdes passam por mantimento e quase têm sustância de pão. Há duas qualidades desta fruta, umas são pequenas como figos berjaçotes, as outras são maiores e compridas. Estas pequenas têm dentro de si uma coisa estranha, a qual é que quando as cortam pelo meio com uma faca ou por qualquer parte que seja acha-se nelas um sinal à maneira de crucifixo, e assim totalmente o parecem. Também há uma fruta que se chama bracasas, são como nêspersas, posto que comam muito não fazem mal à saúde. Há muita pimenta da terra, come-se verde, queima muito em grande maneira. Outras muitas frutas há pelo mato dentro de diversas qualidades, e são tantas que já se acharam pela terra dentro algumas pessoas e sustentaram-se com elas muitos dias sem outro mantimento algum. Estas que aqui escrevo são as que os portugueses têm entre si em mais estima e as melhores da terra. Algumas frutas deste Reino se dão nestas partes, *scilicet*, muitos melões, pepinos e figos de muitas castas, romãs, muitas parreiras que dão uvas duas, três vezes no ano, e tanto que umas se acabam, começam logo outras novamente. E desta maneira nunca está o Brasil sem frutas.

De limões e laranjas há muita infinidade: dão-se muito na terra estas árvores de espinho e multiplicam mais que as outras.

Capítulo Sétimo

Da condição e costumes dos índios da terra

Não se pode numerar nem compreender a multidão de bárbaro gentio que semeou a natureza por toda esta terra do Brasil; porque ninguém pode pelo sertão dentro caminhar seguro, nem passar por terra onde não ache povoações de índios armados contra todas as nações humanas, e assim como são muitos permitiu Deus que fossem contrários uns dos outros, e que houvesse entre eles grandes ódios e discórdias, porque se assim não fosse os portugueses não poderiam viver na terra nem seria possível conquistar tamanho poder de gente.

Havia muitos destes índios pela Costa junto das Capitánias, tudo enfim estava cheio deles quando começaram os portugueses a povoar a terra; mas porque os mesmos índios se alevantaram contra eles e faziam-lhes muitas traições, os governadores e capitães da terra destruíram-nos pouco a pouco e mataram muitos deles, outros fugiram para o sertão, e assim ficou a Costa despovoada de gentio ao longo das Capitánias. Junto delas ficaram alguns índios destes nas aldeias que são de paz, e amigos dos portugueses.

A língua deste gentio toda pela Costa é, uma carece de três letras –*scilicet*, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assim machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu. Vivem todos em aldeias, pode haver em cada uma sete, oito casas, as quais são compridas feitas à maneira de cordoarias; e cada uma delas está cheia de gente de uma parte e de outra, e cada um por si tem sua estância e sua rede armada em que dorme, e assim estão todos juntos uns dos outros por ordem, e pelo meio da casa fica um caminho aberto para se servirem. Não há como digo entre eles nenhum Rei, nem

Justiça, somente em cada aldeia tem um principal que é como capitão, ao qual obedecem por vontade e não por força; morrendo este principal fica seu filho no mesmo lugar; não serve de outra coisa senão de ir com eles à guerra, e aconselhá-los como se hão de haver na peleja, mas não castiga seus erros nem manda sobre eles coisa alguma contra sua vontade. Este principal tem três, quatro mulheres, a primeira tem em mais conta, e faz dela mais caso que das outras. Isto tem por estado e por honra. Não adoram coisa alguma nem têm para si que há na outra vida glória para os bons, e pena para os maus, tudo cuidam que se acaba nesta e que as almas fenecem com os corpos, e assim vivem bestialmente sem ter conta, nem peso, nem medida.

Estes índios são muito belicosos e têm sempre grandes guerras uns contra os outros; nunca se acha neles paz nem é possível haver entre eles amizade; porque umas nações pelejam contra outras e matam-se muitos deles, e assim vai crescendo o ódio cada vez mais e ficam inimigos verdadeiros perpetuamente. As armas com que pelejam são arcos e flechas; a coisa que apontarem não na erram, são muito certos com esta arma e muito temidos na guerra, andam sempre nela exercitados. E são muito inclinados a pelejar, e muito valentes e esforçados contra seus adversários, e assim parece coisa entranha ver dois, três mil homens nus de uma parte e de outra com grandes assobios e grita frechando uns aos outros; e enquanto dura esta peleja nunca estão com os corpos quedos meneando-se de uma parte para outra com muita ligeireza para que não possam apontar nem fazer tiro em pessoa certa; algumas velhas costumam apanhar-lhes as flechas pelo chão e servi-los enquanto pelejam. Gente é esta muito atrevida e que teme muito pouco a morte, e quando vão à guerra sempre lhes parece que têm certa a vitória e que nenhum de sua companhia há de morrer. E quando partem dizem, vamos matar: sem mais consideração, e não cuidam que também podem ser vencidos. Não dão vida a nenhum cativo, todos matam e comem, enfim que suas guerras são muito perigosas, e devem-se ter em muita conta porque uma das coisas que desbaratou muitos portugueses foi a pouca estima em que tinham a guerra dos índios, e o pouco caso que faziam deles, e assim morreram muitos miseravelmente por não se aperceberem como convinha; destes houve muitas mortes desastradas: e isto acontece a cada passo nestas partes.

Quando estes índios tomam alguns contrários, se logo com aquele ímpeto os não matam, levam-nos vivos para suas aldeias (ou sejam portugueses ou quaisquer outros índios seus inimigos), e tanto que chegam a suas casas lançam uma corda muito grossa ao pescoço do cativo para que não possa fugir, e armam-lhe uma rede em que durma e dão-lhe uma índia moça, a mais fermosa e honrada que há na aldeia, para que durma com ele, e também tenha cuidado de o guardar, e não vai para parte que não no acompanhe. Esta índia tem cargo de lhe dar muito bem de comer e beber; e depois de o terem desta maneira cinco ou seis meses ou o tempo que querem, determinam de o matar, e fazem grandes cerimônias e festas aqueles dias, e aparelham muitosinhos para se embebedarem, e fazem-nos da raiz de uma erva que se chama aipim, a qual fervem primeiro e depois de cozida mastigam-na umas moças virgens e, espremem-na nuns potes grandes, e dali a três ou quatro dias o bebem. E o dia que hão de matar este cativo, pela manhã se alguma ribeira está junto da aldeia levam-no a banhar nela com grandes cantares e folias, e tanto que chegam com ele à aldeia, atam-no pela cinta com quatro cordas cada uma para sua parte, e três, quatro índios pegados em cada ponta destas e assim o levam ao meio de um terreiro, e tiram tanto por estas cordas que não se possa bulir para uma parte nem para outra, as mãos lhe deixam soltas porque folgam de o ver defender com elas. Aquele que o há de matar empena-se primeiro com penas de papagaio de muitas cores por todo o corpo: há de ser este matador o mais valente da terra, e mais honrado. Traz na mão uma espada de um pau muito duro e pesado com que costumam de matar, e chega-se ao padecente dizendo-lhe muitas coisas e ameaçando-lhe sua geração que o mesmo há de fazer a seus parentes; e depois de o ter afrontado com muitas palavras injuriosas, dá-lhe uma grande pancada na cabeça, e logo da primeira o mata e lhe fazem pedaços. Está uma índia velha com um cabaço na mão, e assim como ele cai acode muito

depressa com ele a meter-lho na cabeça para tomar os miolos e o sangue: tudo enfim cozem e assam, e não fica dele coisa que não comam. Isto é mais por vingança e por ódio que por se fartarem. Depois que comem a carne destes contrários ficam nos ódios confirmados, e sentem muito esta injúria, e por isso andam sempre a vingar-se uns contra os outros. E se a moça que dormia com o cativo fica prenhe, aquela criança, que pariu depois de criada, matam-na e comem-na e dizem que aquela menina ou menino era seu contrário verdadeiro, e por isso estimam muito comer-lhe a carne e vingar-se dele. E porque a mãe sabe o fim que hão de dar a esta criança, muitas vezes quando se sente prenhe mata-a dentro da barriga e faz com que morra. E acontece algumas vezes afeiçoar-se tanto a este cativo e tomar-lhe tanto amor que foge com ele para sua terra para o livrar da morte. E assim alguns portugueses há que desta maneira escaparam e estão hoje em dia vivos; e muitos índios que do mesmo modo se salvaram, ainda que são alguns tão brutos que não querem fugir depois de os terem presos; porque houve algum que estava já no terreno atado para padecer e davam-lhe a vida e não quis senão que o matassem, dizendo que seus parentes o não teriam por valente, e que todos correriam com ele; e daqui vem não estimarem a morte; e quando chega aquela hora não na terem em conta nem mostrarem nenhuma tristeza naquele passo.

Finalmente que são estes índios muito desumanos e cruéis, não se movem a nenhuma piedade: vivem como brutos animais sem ordem nem concerto de homens, são muito desonestos e dados à sensualidade e entregam-se aos vícios como se neles não houvera razão de humanos, ainda que todavia sempre têm resguardo os machos e as fêmeas em seu ajuntamento, e mostram ter nisto alguma vergonha. Todos comem carne humana e têm-na pela melhor iguaria de quantas pode haver: não de seus amigos com quem eles têm paz senão dos contrários. Tem esta qualidade estes índios que de qualquer coisa que comam por pequena que seja hão de convidar com ela quantos estiverem presentes, só esta proximidade se acha entre eles. Comem de quantos bichos se criam na terra, outro nenhum enjeitam por peçonhento que seja, somente aranha.

Têm estes índios machos por costume arrancar toda a barba e não consentem nenhum cabelo em parte alguma de seu corpo, salvo na cabeça, ainda que arredor dela por baixo tudo arrancam. As fêmeas presam-se muito de seus cabelos e trazem-nos muito compridos e penteados e as mais delas enastrados.

Os machos costumam trazer o beijo furado e uma pedra no buraco metida por galantaria; outros há que trazem o rosto todo cheio de buracos e assim parecem muito feios e disformes: isto lhes fazem quando são meninos. Também alguns índios andam pintados por todo o corpo, pelo qual fazem uns riscos escritos na carne: isto não traz senão quem tem feito alguma valentia. E assim também machos como fêmeas costumam tingir-se com sumo de uma fruta que se chama jenipapo, que é verde quando se pisa e depois que põe no corpo e se enxuga fico muito negro e por muito que se lave não se tira senão aos nove dias: isto tudo fazem por galantaria.

Estas índias guardam castidade a seus maridos e são muito suas amigas, porque também eles sofrem mal adultérios; casam os mais deles com suas sobrinhas, filhas de seus irmãos ou irmãs, estas são suas mulheres verdadeiras, e não lhas podem negar seus pais.

Algumas índias se acham nestas partes que juram e prometem castidade, e assim não casam nem conhecem homem algum de nenhuma qualidade, nem no consentiram ainda que por isso as matem. Estas deixam todo o exercício de mulheres e imitam os homens e seguem seus ofícios como se não fossem mulheres, e cortam seus cabelos da mesma maneira que os machos trazem, e vão à guerra com seu arco e frechas e à caça: enfim que andam sempre na companhia dos homens, e cada uma tem mulher que a serve e que lhe faz de comer como se fossem casados.

Estes índios vivem muito descansados, não têm cuidado de coisa alguma senão de comer e beber e matar gente; e por isso são muito gordos em extremo; e assim também com qualquer desgosto

emagrecem muito; e como se agastam de qualquer coisa, comem terra e desta maneira morrem muitos deles bestialmente. Todos seguem muito o conselho das velhas, tudo o que elas lhes dizem fazem e têm-no por muito certo: daqui vem a muitos moradores não comprarem nenhuma por lhes não fazerem fugir seus escravos.

Quando estas índias parem, a primeira coisa que fazem depois do parto lavam-se todas num ribeiro e ficam tão bem-dispostas como se não pariram; em lugar delas se deitam seus maridos nas redes, e assim os visitam e curam como se eles fossem os paridos.

Quando algum destes índios morre costumam enterrá-lo numa cova assentado sobre os pés, com sua rede às costas em que ele dormia, e logo pelos primeiros dias põem-lhe de comer em cima da cova. Outras muitas bestialidades usam estes índios que aqui não escrevo, porque minha tenção foi não ser comprido, e passar tudo isto com brevidade.

Dos resgates

Estes índios não possuem nenhuma fazenda, nem procuram adquiri-la como os outros homens, somente cobiçam muito algumas coisas que são deste Reino – *scilicet*, camisas, pelotes, ferramentas e outras coisas que eles têm em muita estima e desejam muito alcançar dos portugueses. A troca disto se vendiam uns aos outros, e os portugueses resgatavam muitos deles e salteavam quantos queriam sem ninguém lhes ir à mão, mas já agora não há isto na terra nem resgates como soía, porque depois que os padres da Companhia vieram a estas partes proveram neste negócio e vedaram muitos saltos que faziam os portugueses por esta Costa, os quais encarregavam muito suas consciências com cativarem muitos índios contra direito e moverem-lhes guerras injustas. E por isso ordenaram os padres e fizeram com os Capitães da terra que não houvesse mais resgates nem consentissem que fosse nenhum português a suas aldeias sem licença do mesmo Capitão. E quantos escravos agora vêm novamente do sertão ou das outras Capitánias, todos levam primeiro à Alfândega e alí os examinam e lhes fazem perguntas quem os vendeu, ou como foram resgatados, porque ninguém os pode vender senão seus pais ou aqueles que em justa guerra os cativam, e os que acham mal adquiridos põem-nos em sua liberdade, e desta maneira quantos índios se compram são bem resgatados, e os moradores da terra não deixam por isso de ir muito avante com suas fazendas.

Capítulo Oitavo

Dos bichos da terra

Não me pareceu coisa fora de propósito tratar também neste sumário de alguns bichos que nestas partes se criam, pois tudo há na mesma terra, dado que daqui se não compreenda mais que a diferença e a variedade das criaturas que há de umas terras para outras.

Há nestas partes muitos bichos muito feros e peçonhentos, principalmente cobras de muitas castas e de nomes diversos. Umas há tão grandes e tão disformes que engolem um veado todo inteiro, e afirmam que tem esta cobra tal qualidade que depois de o ter comido arrebenta pela barriga e apodrece com a cabeça e a ponta do rabo sãs; e tanto que desta maneira fica, torna pouco a pouco a criar carne nova até que se cobre outra vez da mesma carne tão perfeitamente como dantes: isto viram e experimentaram muitos índios e moradores da terra, a estas chamam pela língua dos índios jiboiáçu. Outras há muito maiores e mais peçonhentas, de outra casta diferente, são tão grandes em tanto extremo que apenas dezesseis índios podiam levar uma que mataram junto da Costa entre os portugueses; a esta cobra chamam surucucu. Outra geração há delas que lhe chamam boiteninga, tem na ponta do rabo uma coisa que soa propriamente como cascavel; e por onde esta cobra vai sempre

anda rugindo, é uma das feras bichas que há na terra. Outras há na terra que lhe chamam hebijaras, têm duas bocas, uma na cabeça outra no rabo, mordem com ambas: esta cobra é branca e muito curta, o mais do tempo está debaixo da terra, é peçonhetíssima sobre todas; quem desta for mordido não terá vida muitas horas, e assim qualquer destas outras que morder alguma pessoa o mais que dura são vinte e quatro horas. Há outra qualidade delas que não tem dentes nem mordem. Estas não são peçonhentas nem tampouco muito grandes, chamam-lhes japaranas. Também afirmam alguns homens que viram serpentes nesta terra com asas muito grandes e espantosas, mas acham-se raramente.

Há muitos lagartos e grandes pelos rios de água doce e pelos matos, cujos testículos cheiram melhor que almiscre. E a qualquer roupa que os chegam fica o cheiro pegado por muitos dias.

Os bichos mais ferros e mais danosos que há na terra são tigres, e estes animais são deles tamanhos como bezeros, vão-se aos currais do gado dos moradores e matam muito dele e são tão ferros e forçosos que uma mão que lançam a uma vitela ou novilho lhe fazem botar os miolos fora e levam-no arrastado para o mato. Também pela terra dentro matam e comem alguns índios quando se acham famintos. Sobem pelas árvores como gatos, e dali espreitam a caça que por baixo passa e remetem de salto a ela, e desta maneira não lhes escapa nada: alguns destes animais matam em fojos os moradores da terra.

Toda esta terra do Brasil é coberta de formigas pequenas e grandes, estas fazem algum dano às parreiras dos moradores, e às laranjeiras que têm nos quintais; e se não foram estas formigas houvera porventura muitas vinhas no Brasil ainda que lá são pouco necessárias, porque deste Reino vai tanto vinho que sempre a terra dele está provida.

Também há muita infinidade de mosquitos, principalmente ao longo de algum rio entre umas árvores que se chamam mangues, não pode nenhuma pessoa esperá-los; e pelo mato quando não há viração são muito sobejos e perseguem muito a gente.

Também há uma geração de ratos que trazem os filhinhos pendurados na barriga, e ali se criam e andam assim pegados até serem grandes. Bogios há muitos e de muitas castas, como já se sabe. Tanto que as fêmeas parem, pegam-se os filhos nas suas costas e sempre andam cavalgados nas mães até serem bem-criados. E posto que as persigam e as matem não se querem desapegar delas. Há também muitos lobos-marinhos e porcos-marinhos que se criam no mar e na terra. Outros muitos bichos há nestas partes pela terra dentro que será impossível poderem se conhecer nem escrever tanta multidão, porque assim como a terra é grandíssima, assim são muitas as qualidades e feições das criaturas que Deus nela criou.

Capítulo Nono

Da terra que certos homens da Capitania de Porto Seguro foram a descobrir, e do que acharam nela

Posto que minha tenção não era tratar neste sumário senão das coisas que são gerais por toda a Costa do Brasil, de que os moradores da terra participam, pareceu-me também necessário e conveniente aos louvores da terra denunciar neste capítulo a riqueza dos metais que afirmam haver por ela dentro, provado tudo isto com pessoas que o acharam, viram, e experimentaram: e a maneira como se descobriu foi esta que se segue.

A esta Capitania de Porto Seguro chegaram certos índios do sertão a dar novas de umas pedras verdes que havia numa serra muitas léguas pela terra dentro, e traziam algumas delas por amostra, as quais eram esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos índios diziam que daquelas havia

muitas, e que esta serra era muito fermosa e resplandecente. Tanto que os moradores desta Capitania disto foram certificados, fizeram-se prestes cinquenta ou sessenta portugueses com alguns índios da terra e partiram pelo sertão dentro com determinação de chegar a esta serra onde estas pedras estavam. Ia por Capitão desta gente um Martim Carvalho, que agora é morador da Bahia de Todos os Santos; entraram pela terra algumas duzentas e vinte léguas, onde as mais das serras que acharam e viram eram de muito fino cristal e toda a terra em si muito fragosa, e outras muitas serras de uma terra azulada, nas quais afirmam haver muito ouro, porque indo eles por entre duas serras, desta maneira foram dar num ribeiro que pelo pé de uma delas descia, no qual acharam entre a areia uns grãos miúdos amarelos, os quais alguns homens apalpam com os dentes e acharam-nos brandos, mas não se desfaziam. Finalmente que todos assentaram ser aquilo ouro, nem podia ser outro metal, pois o mesmo ouro desta maneira nasce nas partes onde o há. Apanharam destes grãos entre a areia do ribeiro quantidade de um punhado, os quais acharam muito pesados, que também era prova de ser ouro: disto não fizeram mais experiência, por ser aquilo no deserto e haver muitos dias que padeciam grande fome nem comiam outra coisa senão semente de ervas, e alguma cobra que matavam: passaram adiante determinando a vinda tornar por ali apercebidos de mantimentos para buscarem a serra mais devagar, donde aquele ouro descia ao ribeiro. Acharam pelos matos muita canafístula, e por este caminho acharam outros muitos metais que não conheceram, nem podiam esperar pelas guerras dos índios que se alevantaram contra eles. Alguns índios lhes deram notícia segundo a menção que faziam que podiam estar cem léguas da serra das pedras verdes que iam buscar, e que não havia muito dali ao Peru, finalmente que com os imigos que recresciam e pela gente que adoecia tornaram-se outra vez em almadias por um rio que se chama Cricaré, onde se perdeu numa cachoeira a canoa em que vinham os grãos do ouro que traziam para mostra. Nesta viagem gastaram oito meses, e assim desbaratados chegaram a esta Capitania de Porto Seguro.

Os que deste perigo escaparam afirmam haver naquelas partes muito ouro, segundo as mostras e os sinais que acharam. E se lá tornar gente apercebida como convém, com toda a provisão necessária, e levarem pessoas que disto conheçam, dizem que se descobriam nesta terra grandes minas.

Quisera escrever mais amiudamente das particularidades desta província do Brasil, mas porque satisfizesse a todos com brevidade guardei-me de ser comprido; posto que os louvores da terra pedissem outro livro mais copioso e de maior volume, onde se compreendessem por extenso as excelências e diversidades das coisas que há nela para remédio e proveito dos homens que lá forem viver. E porque a felicidade e aumento desta província consiste em ser povoada de muita gente, não havia de haver pessoa pobre nestes Reinos que não fosse viver a estas partes com favor de S. A., onde os homens vivem todos abastados, e fora das necessidades que cá padecem. E desta maneira permitirá Deus que floresça tanto a terra desta nova Lusitânia, que com ela se aumente muito a Coroa destes Reinos, e seja dos outros invejada para que não desejemos terras estranhas; prometendo esta nossa tanta riqueza, e prosperidade aos que a forem buscar para seu remédio.